

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

## *Peter Viereck, conservadorismo e política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria (1942-1964)*

Peter Viereck, conservatism and US foreign policy during the Cold War (1942-1964)

**Fabio Muruci dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo examina o pensamento de Peter Viereck, um dos fundadores do pensamento conservador nos EUA entre as décadas de 1940 e 1960. Neste período, uma geração de militantes marcada pelas experiências do New Deal, da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, liderou, pela primeira vez na história do país, um movimento conservador assumido e organizado, com publicações próprias e ações coordenadas. Viereck sustentava posições divergentes da maioria dos outros conservadores norte-americanos a respeito de relações internacionais. Criticando o nacionalismo exaltado da direita norte-americana, buscava inspiração no conservadorismo britânico do século XIX e no pensamento diplomático de Metternich ao defender uma aliança entre regimes democráticos de diferentes ideologias contra o totalitarismo. Pretendemos, assim, demonstrar a diversidade de correntes dentro do pensamento conservador.

**Palavras-chave:** Peter Viereck; conservadorismo; relações internacionais.

**Abstract:** This article examines the thought of Peter Viereck, one of the founders of conservative thought in the USA between the 1940s and 1960s. During this period, a generation of activists marked by the experiences of the New Deal, the Second World War and the Cold War, led, for the first time in the country's history, an assumed and organized conservative movement, with its own publications and coordinated actions. Viereck held divergent positions from most of the other North American conservatives regarding international relations. Criticizing the exalted nationalism of the North American right, he sought inspiration from 19th century British conservatism and the diplomatic thought of Metternich, defending an alliance between democratic regimes with different ideologies against totalitarianism. We intend to demonstrate the diversity of currents within conservative thought.

**Key words:** Peter Viereck; conservatism; international relations.

<sup>1</sup> Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do Laboratório de Estudos de História Política e Intelectual nas Américas (LEHPI-UFES). ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0001-3864-2135>. E-mail: [fmuruci@yahoo.com.br](mailto:fmuruci@yahoo.com.br).



## **Introdução: O conservadorismo norte-americano no início da Guerra Fria (1940-1965).**

As discussões sobre “conservadorismo” nos Estados Unidos sempre foram marcadas por algumas resistências em tomar o próprio tema a sério e por algumas dificuldades conceituais. Em um país famoso por valorizar intensamente a obra dos líderes da revolução de independência, a Revolução Americana, e por considerar este evento como fundador de uma nação democrática e liberal, falar em ideias tradicionalistas e nostalgia pelo passado pareceu deslocado por muito tempo. Nas primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial, ainda eram muito influentes as narrativas históricas que defendiam um “consenso” original em torno dos valores do liberalismo, sistematizados no famoso livro de 1955 de Louis Hartz, *The Liberal Tradition in America*. Hartz se propunha a fazer uma interpretação histórica dos EUA fora do quadro europeu, como uma experiência singular que deveria ser pensada em seus próprios termos, evitando o uso de conceitos e esquemas interpretativos estrangeiros. Como o país não teria conhecido, em qualquer fase de sua história, algo próximo de um feudalismo ou de uma sociedade estamental, também não haveria sentido em falar em uma tradição revolucionária genuína. A democracia liberal já estaria em desenvolvimento desde o período colonial. E não havendo revolução contra qualquer tipo de “Antigo Regime”, também não haveria justificativa para uma “reação”: sem Robespierre, sem Maistre (HARTZ, 1991, p. 5).

O compromisso estadunidense com os valores liberais seria tão forte que Samuel Huntington argumentou que o único conservadorismo legítimo nos Estados Unidos seria a defesa das instituições liberais quando fossem ameaçadas e não uma infrutífera busca de alguma tradição conservadora local formada por intelectuais de pouca relevância



(HUNTINGTON, 1957). A crescente influência de intelectuais da esquerda liberal durante o longo governo de F. D. Roosevelt teria reforçado ainda mais esta percepção. Para John Schlensinger Jr., militantes conservadores nos Estados Unidos não poderiam ser outra coisa além de personagens exóticos e potencialmente risíveis. Mas foi exatamente essa ascendência de setores “radicais” (como são apelidados no país) que estimulou uma militância mais ativa da parte de escritores que se autointitulavam “conservadores” (às vezes “novos conservadores”) de uma forma explícita, incomum até então. Para escritores como Russell Kirk, William Buckley Jr. e James Buchanan, a era do New Deal e a Guerra Fria teria mostrado a necessidade de organização e afirmação de uma perspectiva coerentemente conservadora contra a expansão do radicalismo na vida política e cultural norte-americana. Durante os anos 1950 e 1960, o movimento se ampliou, especialmente através de uma crescente produção de revistas como *National Review*, *National Interest*, entre outras. De um pequeno círculo de literatos pouco conhecidos, o movimento conservador havia se tornado, em princípios dos anos 1970, uma força capaz de exercer alguma influência na política nacional.

Apesar de encontrar novos porta-vozes, uma agenda política e uma narrativa histórica conservadoras ainda eram tão pouco sistematizadas que Kirk, por exemplo, se empenhou em escrever uma longa história intelectual, *The Conservative Mind: From Burke to Eliot*, para demonstrar que havia existido de fato uma tradição conservadora estadunidense, embora o próprio título do livro a enquadrasse dentro de uma tradição burkeana britânica maior. Kirk, já no início, reconhece que pensadores radicais haviam “ganho o dia” e que o mundo moderno confirmaria as predições burkeanas de 1790. Em sua história, Burke era tomado como a verdadeira raiz do conservadorismo “democráti-



co”, devendo ser afastados pensadores com inclinações autoritárias do conservadorismo da Europa continental. Feita esta primeira distinção, o texto procura estabelecer um fio contínuo de pensamento na história estadunidense remontando, pelo menos, até John Adams, “fundador do verdadeiro conservadorismo na América” (KIRK, 2008, p. 62).

O periódico *National Review*, criado em 1955 por iniciativa de William Buckley Jr, foi uma tentativa de articular as diversas facções em que se dividia o campo conservador embora não faltassem rugas entre alguns de seus membros. Buckley propunha que a revista deveria combater o establishment liberal, que, segundo ele, ocupava o governo, a burocracia pública e o sistema educacional dos Estados Unidos. Já no primeiro número apresentava os conservadores como os verdadeiros “radicais” porque combatiam o domínio amplo dos liberais sobre as instituições públicas, a mídia e a produção cultural. Para isso, seria necessário adotar uma atitude de militância mais agressiva e organizar plataformas para divulgar suas ideias, postura diferente da de conservadores mais elitistas anteriores. Entre os propósitos da revista estava a redução da burocracia “parasitária”, que teria inflado durante a guerra, a resistência contra projetos de “engenharia social” baseados em “utopias científicas”, oposição ao crescimento da força dos sindicatos, politicamente manipulados, nas relações trabalhistas e o repúdio de políticas de contenção e convívio com o comunismo (SOUSA, 2013, p. 170-172).

De uma forma geral, os conservadores defendiam uma filosofia política liberal, defendendo a iniciativa privada, inclusive no campo da educação, um mercado competitivo e não-monopolístico, descentralização em assuntos de política econômica e repúdio do crescimento dos sindicatos, especialmente daqueles que demonstrassem inclinações mais visíveis para políticas “socialistas”. Uma das críticas mais frequen-



tes nesse campo era contra a timidez dos governos do pós-guerra em desmontar as estruturas do *New Deal*. Na visão dos conservadores, os “liberais” seriam uma pequena minoria, pouco representativa das crenças do cidadão estadunidense médio, que havia alcançado uma influência desproporcional nos assuntos nacionais ao se infiltrar nas instituições federais. A partir dali, aplicariam políticas de reforma social visando estabelecer maior igualdade pelo uso do poder do Estado, algo que muitos cidadãos veriam com desconfiança. Esses liberais seriam membros da elite política, financeira e intelectual, que compartilhariam valores em comum, mas que têm pouca conexão com as tradições estadunidenses. Caberia aos conservadores estabelecer um movimento de resistência em defesa das tradições políticas e religiosas do país.

94

Apesar desses esforços de definição de primeira hora, o movimento conservador nos Estados Unidos não deixou de conter ácidas divergências sobre o que consistiria ser um conservador no contexto específico do país. Como aponta Rodrigo Farias de Sousa, se tratava de uma aproximação estratégica entre correntes de pensamento diferentes e, em certos pontos, até antagônicas. Entre elas estavam “libertários”, defensores da máxima liberdade individual e econômica, “tradicionalistas”, com maior ênfase em temáticas religiosas e culturais, e “anticomunistas”, engajados nas lutas da Guerra Fria. Esses grupos buscaram unir forças contra a influência dos liberais, criando uma espécie de “fusionismo” que caracterizou esse período (SOUSA, 2021). Mas essas alianças não evitaram totalmente uma disputa maior sobre como os conservadores deveriam se posicionar no quadro turbulento da Guerra Fria e como suas políticas se distinguiam das dos liberais, discordâncias que acabaram resultando em expurgos e críticas amargas entre os membros. Um debate sobre a própria inserção dos conservadores no campo político estadunidense, uma problemática que ainda está pre-



sente até hoje. Um tema particularmente candente naquele momento, e que tinha força para causar sérias divisões dentro do movimento, era o intenso debate sobre o papel que os Estados Unidos deveriam assumir no cenário internacional, agora que seu status de superpotência era inquestionável. Que todos os conservadores deveriam ser ativos defensores de uma ampla mobilização contra a expansão do comunismo soviético não era tema de discordância. Mas as políticas práticas para alcançar esse fim e as justificativas históricas para legitimá-las não eram pontos igualmente consensuais.

Um tema recorrente nessa geração era a de que o *New Deal* teria realizado uma expansão do Estado para lidar com a crise, mas acabou gerando uma burocracia que queria permanecer no poder indefinidamente e realizar reformas “radicais”, como a secularização do ensino e programas de assistência social. O resultado seria a limitação das liberdades individuais e estaduais e o desestímulo da iniciativa individual (SOUZA, 2013). Esse aspecto também seria visível na política externa. A tendência de alguns líderes conservadores no país havia sido a de mostrar pouco interesse por intervenções norte-americanas no cenário internacional. Ainda permanecia forte a tendência isolacionista de preservar a “América” da corrupção que o envolvimento em conflitos europeus poderia trazer aos valores republicanos. Russel Kirk, inicialmente, criticou a participação do país na Segunda Guerra Mundial, que via como uma “cruzada liberal”. Chegou a afirmar que a convocação militar era um tipo de “escravidão” (NASH, 2006, p. 130).

Já nos anos 1940, porém, se dissemina em escritos conservadores análises que apontam as políticas liberais do governo Roosevelt como uma das principais razões para as posturas equivocadas dos EUA no conflito mundial. A aliança com a União Soviética, por exemplo, era apresentada como uma ‘ilusão liberal’, que minimizaria os perigos



do expansionismo comunista e mantinha uma postura de dubiedade a respeito de ditaduras diferentes. O tom de muitos escritos desse campo era o de uma guerra em defesa da civilização. Os Estados Unidos teriam se transformado no campo de batalha dos defensores da liberdade contra a expansão dos totalitarismos. Mas a influência dos liberais desde os anos 1930 e sua forte presença na mídia e no sistema educacional estaria enfraquecendo o espírito combativo dos cidadãos estadunidenses. Apesar das constantes denúncias de infiltração comunista, o tom desses avisos catastrofistas não era tanto de que os liberais estariam ajudando intencionalmente os comunistas. Mas comum era a acusação de que estariam sendo apáticos e conciliadores com a expansão soviética, motivados pela crença enganosa de que os comunistas eram progressistas interessados em criar uma sociedade mais justa, mesmo que por meios autoritários. Para os conservadores, ao contrário, eles estariam muito mais próximos do nazi-fascismo, ambos com filosofias baseadas em um desejo de expansão e conquista sem limites, com os quais qualquer diálogo racional seria impossível. Daí a expressão “nazicomunistas”, aplicada especialmente os simpatizantes do regime de Stálin.

Para um dos mais influentes escritores do movimento conservador e autor do influente livro *Struggle for the World* (1947), James Burnham, parte da elite militar norte-americana havia sido formada no espírito dos anos 1930, período constantemente descrito pelos conservadores como “A Década Vermelha”, e ainda eram limitados por uma ilusória distinção entre nazismo e comunismo. Seriam antinazistas destacados mas ainda cultivariam ideias ingênuas sobre o caráter progressista do comunismo soviético. Esta atitude hesitante teria sido decisiva para dar espaço para o crescimento de Stálin no campo das relações internacionais. Burnham, que se tornara conhecido com a crítica às elites *new dealers*, *The Managerial Revolution* (1940), se tornou um aguerrido



defensor do abandono da resistência norte-americana em se envolver em assuntos domésticos de outros países. Contra as hesitações liberais, defendia ser necessário apoiar e fomentar revoltas populares dentro dos países do Leste Europeu, organizar campanhas de propaganda anticomunista maciças e proibição das atividades comunistas dentro dos EUA (BURNHAM, 1947).

Para os conservadores em geral, os liberais cultivavam uma ingênua crença no internacionalismo, herdada do liberalismo do século XIX e levada ao ápice pela política wilsoniana do pós-Primeira Guerra Mundial. Esta inocência sobre a possibilidade de evitar conflitos pela via da negociação estaria persistindo no projeto da ONU. Apesar dos ideais elevados, nenhuma legislação seria eficiente contra a ameaça totalitária, a qual não respeitava acordos. Sem a força necessária para impor suas decisões, nenhuma organização teria efeito sobre a ordem internacional. No fim, a ONU seria apenas mais uma burocracia desmedida e que confundia a sociedade ao usar declarações ambíguas e verborrágicas. Este seria um ambiente propício para intelectuais e militantes radicais que buscavam impor seus projetos reformistas em escala mundial, reduzindo a independência das nações em tomar decisões por conta própria. O resultado previsto seriam constantes conflitos de jurisdição, um risco particularmente sério para os Estados Unidos, cuja nova condição de super-potência tornaria sua presença nos mais diversos cenários cada vez mais frequente. Para alguns, a Assembleia Geral demonstrava uma tendência para ignorar atitudes intervencionistas soviéticas enquanto criticava duramente o colonialismo ocidental, prova da inclinação da instituição para o lado liberal. Quanto menos fosse a influência ocidental no cenário global, maior espaço haveria para a presença soviética. Não existiriam espaços neutros (SOUSA, 2013).

Essas primeiras críticas forneceram a base para o reposiciona-



mento dos conservadores nos anos do imediato pós-guerra e para uma posição cada vez mais enfática de cobrança por uma ação mais determinada do governo norte-americano nos assuntos internacionais, mas em uma direção diferente daquela dos anos Roosevelt. Mas o consenso estava longe de ser total.

### **Peter Viereck: um conservador singular**

98 Dentro deste debate, uma figura com posições singulares dentro do campo conservador foi o historiador e poeta Peter Viereck (1916-2006). Viereck é frequentemente citado como um dos primeiros defensores sistemáticos do pensamento conservador nos Estados Unidos. Em 1940, ganhou um prêmio literário por suas poesias, o que levou o periódico *The Atlantic Monthly* a encomendar um texto sobre como um jovem percebia o liberalismo. Um tanto surpreendentemente, ele preparou uma resposta com um título irônico, “Mas – Eu sou um conservador!”. Como comentado antes, a própria designação “conservador” era pouco usada nos EUA dessa época e até mesmo evitada pelos próprios conservadores. Mais inesperado ainda quando vinha de um jovem estudante de 23 anos. O próprio autor questiona porque um jovem decidiria ser um conservador e responde que, enquanto estudante, teria visto a “revolta” se transformar em uma convenção e um “ritual dogmático”. Reclama que teria sido descartado como um “reacionário ignorante” por seus colegas por causa de suas comparações do nazismo com o stalinismo.

Neste curto texto inicial, Viereck já fazia uma breve apresentação de boa parte das posições que assumiria durante sua carreira. O tema central é a caracterização do conservadorismo como uma defesa da tradição norte-americana, a qual, na visão do autor, inclui o estímulo da



individualidade e o respeito pelo senso comum. Em um quadro mais geral, um respeito pelas tradições de pensamento humanista, as quais não deveriam ser menosprezadas diante das exigências políticas do momento. O conservador atuaria principal na preservação da cultura e da espiritualidade humanistas sob ataque de interesses políticos e teorias materialistas. Por isso, seu campo de atuação principal deveria estar mais localizado na educação e no debate cultural do que nas disputas políticas e econômicas. Entre os principais objetivos de uma educação conservadora estariam a valorização da liberdade e respeito às leis, as quais deveriam estar pautadas pelos valores da tradição humanista.

Nesse sentido, Viereck sempre procura distinguir o que considera como verdadeiro conservadorismo de todas as abordagens “materialistas”, que incluem o marxismo, mas, igualmente, o “liberalismo manchesteriano” herdeiro de Adam Smith, ambos com um excessivo foco no ganho material e na produção de bens e pobres no estímulo aos valores morais e espirituais. Em diversas ocasiões, criticou seus colegas, que se autoproclamavam “conservadores” mas tinham uma agenda bastante afinada com a apologia liberal da competição e do interesse privado. Numa passagem um tanto surpreendente, afirma: “Não me interessa nem um pouco se um país, incluindo o nosso, decida usar capitalismo ou socialismo ou outro materialismo qualquer, desde que o faça pelo via da tradição” (VIERECK, 1940).

Viereck também já antecipa um tema caro ao conservadorismo do pós-guerra, o de que um dos objetivos máximos de qualquer conservador seria combater os “totalitarismos” modernos, seja de direita, nazismo, seja de esquerda, comunismo. Ambos seriam muitos semelhantes em suas políticas econômicas dirigistas e métodos políticos violentos. Também já indicava alguns dos temas que ele mesmo desenvolveu em futuros trabalhos, como o argumento de que a luta contra



o totalitarismo não poderia ser feita através de ideologias contrárias, mas igualmente autoritárias, e sim respeitando as regras da Constituição norte-americana. Além disso, não seria apenas uma luta política e econômica, mas, principalmente, uma luta cultural e educacional. O conservador “acredita no governo da maioria na América, mas não no de uma ditadura da maioria. Ao contrário, ele acredita nos plenos direitos, humanos e constitucionais, das minorias, sejam agricultores, sejam milionários” (VIERECK, 1940).

100

Como parte de uma tradição moral maior, descendente tanto da cultura jurídica greco-romana quanto do cristianismo, o conservadorismo deveria se opor a qualquer política baseada exclusivamente na força bruta, no culto ao poder e no irracionalismo. Da mesma forma, como pensamento que valoriza intensamente a liberdade individual, deve rejeitar toda concentração de poder estatal. Viereck identifica todos esses males no nazismo. Por isso, já no seu primeiro livro como historiador das ideias, *Meta-Politics. The Roots of the Nazi Mind* (1941), Viereck procurou afastar o conservadorismo do nazismo e outras correntes da extrema direita autoritária, argumentando que a tradição conservadora britânica, representada pelo *tories*, teria sido adversa ao nacionalismo extremista desde o início do século XIX. Foi um dos primeiros escritores de língua inglesa a relacionar a ideologia nazista com o romantismo alemão, especialmente com o compositor Richard Wagner, tópico que seria constantemente retomado tanto por outros conservadores quanto por liberais após a Segunda Guerra Mundial.

Sua vida nessa primeira etapa foi marcada por alguns sucessos literários e diversos traumas no campo pessoal. Seu pai, George Sylvester Viereck, foi um imigrante alemão que sempre manteve ligações intensas com a terra natal e uma trajetória política turbulenta. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi um dos fundadores de uma revista



pró-germânica, *The Fatherland*, e sofreu acusações de carregar documentos de propaganda alemã e espionagem. Embora não tenha sido processado, teve sua imagem pública bastante abalada e foi afastado de organizações literárias a que pertencia. Durante o entreguerras, desenvolveu interesse pela psicanálise e até foi correspondente e paciente de Sigmund Freud. Com a chegada de uma nova guerra, porém, retomou seus vínculos políticos e afetivos com a Alemanha e se tornou ativo simpatizante do regime nazista desde o início. Foi o primeiro jornalista norte-americano a entrevistar Adolf Hitler, ainda em 1923. Durante os anos 1930 e início dos 1940, fez discursos em favor de uma aproximação entre os EUA e a Alemanha nazista. Embora dissesse rejeitar o antissemitismo, algumas de suas declarações levaram diversos judeus norte-americanos a romper com ele. Até que, em setembro de 1941, foi preso, acusado de conspiração, e cumpriu sentença de quatro anos em um presídio federal. Nessa época, Peter rompeu relações com o pai, que só seriam retomadas décadas depois (REISS, 2005). Interessante que Peter Viereck tenha dedicado seus primeiros estudos às origens remotas do pensamento nazista, publicado enquanto seu pai estava em julgamento.

101

Seu percurso no meio conservador foi acidentado também. Em diversos momentos, adotou posições críticas a respeito das ideias de outros conservadores norte-americanos influentes no período, como Russel Kirk e William Buckley Jr., e da linha editorial da principal revista do movimento, a *National Review*. Willmore Kendall chegou a descrevê-lo como um conservador que concordava em tudo com os liberais (NASH, 2004, p. 205). Seu distanciamento aumentou ainda mais durante o período macarthista, o qual Viereck considerava mais como um tipo de populismo radical de direita do que um verdadeiro conservadorismo. Em pouco tempo rompeu definitivamente com aquele grupo,



considerando que suas políticas nacionalistas destoavam daquilo que ele considerava como o verdadeiro conservadorismo, o qual descreveu em sua obra mais conhecida até hoje, *Conservatism Revisited. The Revolt Against Ideology* (1949). Em 1951, agitou o meio ao publicar uma resenha muito crítica de um dos livros mais influentes dessa geração, *God and Man at Yale*, de William Buckley Jr., acusando o autor de atacar a liberdade acadêmica e tentar destruir uma das mais tradicionais instituições norte-americanas. Os ataques ao grupo da *National Review* foram respondidos com constantes acusações de que Viereck não era um verdadeiro conservador e sim um liberal disfarçado.

102

Tais embates giravam em torno de uma luta pela definição do próprio movimento conservador no país, mas envolviam, igualmente, uma discordância profunda sobre os rumos da política externa norte-americana no contexto da Guerra Fria. Em 1962, Viereck publicou na revista *The New Republic* um artigo intitulado “O Novo Conservadorismo. Um de seus fundadores pergunta o que deu errado”. Nele, critica o que então começa a ser chamado “Novo Conservadorismo”, que no futuro resultou nos chamados “neocons”, por ser um movimento conectado com fundamentalistas religiosos, nacionalistas extremistas e grandes negociantes. Estariam abandonando a tradição conservadora de equilíbrio em favor de uma retórica radical e populista em busca do apoio de massas fanatizadas pelo fervor patriótico. Além disso, sua visão materialista sobre riqueza e negócios estaria mais próxima do liberalismo “manchesteriano” do século XIX do que do conservadorismo. Expressava especial incomodo com o apoio acrítico que muitos conservadores davam ao McCarthismo, que ele via como uma forma de demagogia de massas que ameaçava as práticas democráticas norte-americanas. Os “novos conservadores” teriam falhado no “ácido teste da tentação pelo Macarthismo nos anos 1950 da mesma forma como



os *fellow-travelers* haviam fracassado no ácido teste da tentação comunista nos 1930” (VIERECK, 1962). Chegou a defender que McCarthy e seus entusiasmados defensores estariam atraindo descrédito para a causa anticomunista ao usar métodos persecutórios.

### **Revisitando o conservadorismo**

Buscando tornar mais clara sua singular compreensão do conservadorismo, Viereck desenvolveu, em vários de seus escritos, uma releitura da história europeia contemporânea. Em sua narrativa, o conservadorismo teria sido, desde suas origens na virada do século XVIII para o XIX, uma reação contra a expansão de duas formas perniciosas de radicalismo, o nacionalismo e o comunismo: “De Fichte a Hitler há uma linha direta” (VIERECK, 1965, p. 7). Tendo como principais marcos 1848 e 1870, a história europeia recente seria caracterizada pela crescente superioridade da força como instrumento político acima dos princípios do humanismo ocidental. A anterior unidade do Ocidente teria se rompido diante de nacionalismos ferozes, indiferentes aos princípios cristãos e clássicos herdados da Antiguidade.

103

Uma das origens desse processo seria a resistência alemã contra a ocupação bonapartista, geradora de um surto nacionalista, especialmente entre estudantes da classe média alemã. O fervor nacionalista alimentou a popularidade das ideias de Friedrich Ludwig Jahn entre estudantes. Jahn é conhecido como um dos primeiros defensores modernos da ginástica como meio educacional. Chocado com a derrota alemã diante de Napoleão Bonaparte em 1806, quando servia nas tropas prussianas, passou a defender a importância dos exercícios físicos para estimular o vigor da juventude alemã. Mas suas preleções nos ginásios em que trabalhava também eram carregadas de conteúdo nacionalista



em favor da unidade alemã, o que resultou em sua prisão temporária. Sua popularidade entre os jovens aumentou quando participou da organização de batalhões de resistência contra os franceses em 1813. Com o tempo, suas ideias sobre a força do *Volk* foram assimiladas por certa linha historiográfica com o nacional-socialismo, leitura que Viereck segue:

O programa de Jahn era um jacobinismo alemão da mesma forma que o programa de Hitler era um bolchevismo marrom. Jahn, inicialmente, foi contido pelas autoridades conservadoras prussianas assim como Hitler, antes da gradual expropriação do capital alemão, foi contido pelo capitalista Thyssens (VIERECK, 1965, p. 66).

104

Para Viereck, Jahn, longe de pertencer à tradição do liberalismo, já teria desenvolvido uma primeira versão das metafísicas nacionalistas e racistas que alimentaram o século XIX, defensor de uma ditadura não-parlamentar e de uma concepção purista da cultura nacional: “Aqueles que acreditam que o culto ariano começou com Gobineau podem ficar surpresos com as diatribes antisemitas de Jahn ou com seus apelos à pureza biológica do Volk” (VIERECK, p. 97). Já naquele momento, o entusiasmo dos nacionalistas pelo *Volk*, uma unidade misteriosamente indivisível carregada de misticismo segundo Viereck, já apontaria para as fantasias expansionistas que ganharam força após 1870 e prepararam o caminho para a Guerra Mundial.

Nesse ponto, Viereck considera que a historiografia liberal posterior teria aceitado a falsa premissa de que aqueles nacionalistas alemães dos oitocentos, que lutaram em 1848, manteriam adesão aos valores liberais de relação pacífica entre nações: “Na verdade, alguns dos primeiros nacionalistas alemães estão mais em harmonia com o totalitarismo radical de Hitler do que com o liberalismo burguês entre esses dois



períodos” (VIERECK, 1965, p. 58-9). Os liberais europeus falharam ao acreditar que o nacionalismo se tornaria liberal e comprometido com uma agenda democrática.

Para refutar essa historiografia liberal, Viereck retoma argumentos sobre as relações internacionais desenvolvidos pelo pensamento conservador desde o início do século XIX e muito utilizados durante o período da Santa Aliança. Ali, o Ocidente moderno é apresentado como grande herdeiro do direito romano e da ética cristã. Esses elementos dariam identidade e unidade ao mundo ocidental, ambas ameaçadas de tempos em tempos pela emergência de particularismos nacionais exaltados. Contra essas rupturas motivadas por excessos, se erguia o Sistema de Potências, concepção diplomática que buscava reestabelecer o equilíbrio europeu após os tremores revolucionários iniciados na França. Seu tratamento das relações entre Estados passava pela diplomacia dos embaixadores, negociações secretas, imunidade diplomática, alianças de proteção mútua e noções de honra e prestígio como aspectos fundamentais de uma ordem europeia estável. Seu objetivo maior era conter a avalanche republicana e restaurar as condições anteriores a 1792. Basicamente um sistema de solidariedade entre potência conservadoras (SILVA, 2020). Um de seus princípios básicos era a existência de um conjunto de princípios de direito, de raiz cristã, que deveria ser colocado acima da soberania total dos Estados para evitar o caos e a violência que anseios descontrolados pelo poder geravam no cenário internacional. Ao mesmo tempo, participaria da repressão aos movimentos populares emergentes.

Essa concepção foi criticada, entre outros, por Hegel, que negava que valores cristãos poderiam fornecer algum tipo de ética universal capaz de julgar e limitar a ação dos Estados e servir de orientação para a política internacional. Ao contrário, o Direito Internacional só poderia



vir da luta entre os próprios Estados. Através da guerra, os Estados e as nações reforçam sua identidade e singularidade, garantindo para si um papel ativo na História Universal. E a afirmação de uma individualidade nacional só poderia ser feita negando a submissão à vontade de outra individualidade. O dever máximo de um Estado seria garantir a sua própria soberania em disputa com outros Estados motivados pelo mesmo desejo, o que torna a guerra uma necessidade. A identificação correta dos interesses do Estado é que definem sua conduta no cenário internacional e não qualquer filosofia orientadora que transcenda esses mesmos interesses (SILVA, 2020).

106

Viereck é enfático em repudiar o pensamento hegeliano como referência para o conservadorismo que quer difundir. A tradição romano-cristã seria pautada por um conjunto de valores, como harmonia e prudência, que mesclam princípios políticos com orientações estéticas. Ele sempre valorizou a dimensão estética do pensamento conservador sobre política contra abordagens de outros conservadores e do liberalismo, os quais reduziriam a política às suas dimensões instrumentais e materialistas (STARLIPER, 2017). Chega a esboçar uma análise de longa duração em que o ultranacionalismo teria raízes longínquas na história alemã, começando na resistência germânica contra as influências da cultura mediterrânea: “Através da história alemã, podemos acompanhar um traço de ressentimento contra as duas disciplinas impostas à Alemanha pelo legalismo universal do Império Romano e os absolutos universais da Cristandade” (VIERECK, 1965, p. 11). A Reforma seria uma expressão dessa cultura nacionalista precoce, que repudiava o humanismo renascentista das áreas mediterrâneas. Ao mesmo tempo, uma corrente mais universalista, de raiz romana, teria deixado marcas profundas, as quais os nacionalistas românticos tentariam negar: “A melhor herança política e intelectual da Alemanha, vinda do Sagrado



Império Romano, é a tradição universal romano-cristã e antinacionalista” (VIERECK, 1965, p. 14).

A revolução alemã de 1848 teria sido mais um capítulo da ascensão histórica do nacionalismo alemão. Não uma revolução liberal humanista e sim uma reação nacionalista contra as ideias da Revolução Francesa. Esse caminho ganharia ainda mais força após 1870, com a influência de ideias darwinistas sociais e enfraquecimento do nacionalismo liberal: “Depois de 1848, e ainda mais depois de 1870, a “força” triunfou sobre os “princípios” por causa do triunfo do nacionalismo, que substituiu a unidade da civilização ocidental” (VIERECK, 2005, p. 85). Daí o erro dos historiadores liberais em descrever Metternich como um reacionário repressivo, que combateu o desejo de democracia das nações europeias em 1848. Ao contrário, a política do famoso diplomata austríaco, para Viereck, foi uma chance perdida de estabilizar o cenário europeu pós-napoleônico dentro de uma mescla equilibrada de valores conservadores e valores liberais:

107

Muitos liberais modernos nunca saíram intelectualmente do século XIX. Woodrow Wilson é um exemplo. Em vez de preservar em uma forma modernizada a comunidade internacional do Danúbio do Império Habsburgo, ele balcanizou a Europa, criando estados nacionalistas raivosos porque compartilhava do sonho de Mazzini de manter o nacionalismo liberal. (VIERECK, 1965, p. 61-2).

A ascensão dos nacionalismos agressivos de base racial teria enfraquecido uma escola humanista de nacionalismo, inspirada em Johann Gottfried Herder. O pan-germanismo teria rompido com o “nacionalismo pacífico e tolerante de Herder e Mazzini, para o qual as nacionalidades eram iguais em direitos” (VIERECK, 2005, p. 101).



## Viereck, Metternich e a ordem conservadora internacional

108 Viereck escolheu Metternich como herói e modelo da luta conservadora contra a expansão do nacionalismo radical, a qual deveria ser tomada como inspiração pelos conservadores ocidentais do pós-Segunda Guerra. Ele certamente tinha plena noção do quanto esta escolha soava exótica aos olhos da opinião contemporânea: “Metternich se tornou o derradeiro símbolo do conservadorismo; sob o olhar moderno, o conservadorismo na sua forma mais impopular” (VIERECK, 2005, p. 69). Ele teria sido um dos principais responsáveis por conter a expansão do nacionalismo agressivo gerado pelo romantismo alemão, influenciado por Jahn e outros adeptos da mística do *Volk*. Mas a falta de compreensão de seu pensamento levou à divisão entre liberais e conservadores, a qual facilitou a disseminação dos totalitarismos modernos, nazismo e comunismo. Essa desunião entre liberais e conservadores estaria acontecendo novamente nos pós-Segunda Guerra: “Porque liberais e conservadores nunca se uniram, esses nacionalistas antepassados do fascismo puderam triunfar, mesma desunião que favorece o comunismo e o fascismo hoje em dia” (VIERECK, 2005, p.86).

Por algum tempo, a resistência conservadora da sociedade europeia, apoiada nas classes rurais, tanto nas aristocráticas quanto no campesinato, teria contido o entusiasmo das classes médias urbanas educadas pelo nacionalismo extremista (VIERECK, 2005, p. 87). Metternich teria aguda ciência do que havia de fantasia na ideia de Estado baseado em uma suposta, mas indemonstrável, unidade orgânica indivisível. Sua orientação estaria direcionada para a preservação de princípios universais de equilíbrio e prudência, pouco capazes de oferecer a energia emocional que os nacionalistas desejavam: “Não surpreende que o grande conservador austríaco não inspirasse o coração das massas alemãs e italianas” (VIERECK, 2005, p. 89). A política de massas



moderna seria um campo pouco propício para o desenvolvimento de um senso de história prudente.

Viereck tentava sistematicamente refutar a aproximação do conservadorismo com os defensores intransigentes do *laissez faire* do passado e de sua própria época. Sua compreensão dos fundamentos conservadores era muito mais direcionada para fatores culturais e espirituais do que para qualquer doutrina econômica ou política específica. Conservadores que atuavam como porta-vozes dos interesses do grande capital cairiam na mesma priorização dos fatores materiais que os marxistas. O verdadeiro conservadorismo deveria objetivar a defesa e promoção dos valores do humanismo clássico e do cristianismo, fonte de valores universais que não poderiam ser ignorados em favor de interesses de classe, nacionais e de uma *Realpolitik* que apenas disfarçaria propósitos agressivos. No elenco de valores tradicionais defendidos por Viereck se incluem o repúdio da perfectibilidade humana e o reconhecimento do caráter inevitavelmente falho das aspirações utópicas, a exaltação romana da lei, o senso de equilíbrio e proporção helênicos e uma postura de acentuada prudência diante da mudança histórica. Todos esses valores não encontrariam espaço adequado na obsessão pelo lucro e crescimento das burguesias ultraliberais: “Monarquia, aristocracia e Estado não deveriam se render às altas fortunas e negócios na linha da ‘monarquia burguesa’ de Louis Philippe” (VIERECK, 2005, p. 116).

109

Nesse ponto os liberais também teriam falhado ao ignorar a realidade histórica e tentar disseminar irresponsavelmente as instituições da modernidade política, ideias francesas de classe média, em sociedades que ainda eram plenamente comunidades agrárias. O repúdio ao idealismo e ao voluntarismo políticos é um tema central da crítica conservadora tanto aos liberais quanto aos socialistas. Segundo os conser-



vadores, as diversas correntes reformistas e revolucionárias da política moderna teriam uma inclinação ao dirigismo e à aplicação do racionalismo como método para transformar a realidade social de acordo com suas elucubrações teóricas, indiferentes às condições locais definidas pela tradição.

Um dos objetivos de Viereck em resgatar as particularidades da visão política de Metternich era definir com mais clareza a linhagem de conservadorismo a qual ele mesmo pertencia. Procurava diferenciar o nacionalismo conservador de um conservadorismo mais afeito à tradição e às mudanças históricas lentas e controladas na linha de Edmundo Burke: “Há uma conexão básica entre os ideais de Metternich e os do governo parlamentar britânico. É sua evolução em comum a partir de Edmund Burke” (VIERECK, 2005, p. 105).

110

Tal consideração pelas condições históricas de uma sociedade seria fundamental para a escolha dos sistemas políticos adotados. O próprio Metternich faria ressalvas quanto à adoção precoce de sistemas representativos. O discurso de liberdade dos liberais nacionalistas seria uma retórica para justificar o interesse de setores sociais minoritários em controlar o poder político:

Em meio ao clamor por e contra instituições representativas, ele calmamente explicou que eles iam se tornar, na prática, não um instrumento do povo e sim das classes negociantes (...) a classe média europeia era, então, um grupo de pressão minoritário, totalmente não-representativo do ‘povo’ que ela dizia representar. (VIERECK, 2005, p. 114).

Por maior que fossem os méritos da Constituição Britânica, seria irresponsável tentar impô-la ao resto da Europa por via revolucionária se as condições históricas de cada região não estivessem preparadas para isso. Desconhecer esse fato teria sido o principal erro dos liberais



italianos e espanhóis. Uma consciência mais aguda dos condicionamentos históricos teria permitido que essas regiões seguissem o caminho britânico de evolução progressiva e ordenada em direção ao autogoverno. Ao contrário disso, “quase todas as nações que participaram de 1848 acabaram governadas com mais despotismo do que havia antes” (VIERECK, 2005, p. 113).

Em sua própria época, esse seria outro erro que Viereck acredita que os Estados Unidos estariam cometendo ao tentar impor suas instituições nas regiões pós-coloniais. Tenta sistematicamente distinguir o conservadorismo que defende do nacionalismo agressivo e intervencionista da direita norte-americana:

A alternativa ao desenraizamento de intelectuais revolucionários não são as raízes estreitas e provincianas do americanismo *know-nothing* e sim as amplas raízes da irmandade humana do mundo livre. A essência do Americanismo não é a xenofobia fanática dos patrioteiros. (VIERECK, 1965, p. 92).

111

No lugar do intervencionismo norte-americano, liberais e conservadores comprometidos com a liberdade em diversos países deveriam se unir em torno de valores básicos e em uma ordem política e militar comum para se defender, mas respeitando algumas diversidades regionais e repudiando a colaboração com regimes autoritários: “A tarefa americana não é forçar seus valores pela goela do resto do mundo. Significa reforçar deliberadamente os valores que compartilhamos com o resto do Ocidente e minimizar aqueles sobre os quais discordamos” (VIERECK, 1965, p. 92).

A ordem internacional do pós-Segunda Guerra poderia encontrar inspiração no “Sistema Metternich”, do qual figuras como Napoleão, Hitler e Stálin seriam antagonistas. Nesse ponto, Viereck recupera



a noção de uma ética cristã acima das soberanias nacionais absolutas:

Para Metternich, qualquer força, incluindo o nascente nacionalismo e o nascente capitalismo, deve se submeter a leis externas. Essa filosofia foi derrotada por uma outra, que emergiu na Alemanha de sua época; uma que pode ser mais bem descrita como a metafísica do *Volke*, a religião do nacionalismo (VIERECK, 2005, p. 88).

112

Da mesma forma que repudia o ultranacionalismo europeu, Viereck demonstra pouca simpatia por seus colegas conservadores nos Estados Unidos que colocavam a defesa do americanismo como sua prioridade. Em seus comentários sobre a política externa dos anos 1950, rejeita as filosofias intervencionistas que objetivariam moldar nações para impor a força os valores e políticas norte-americanas. A defesa dos valores ocidentais deveria ser feita por alianças com governos democráticos, incluindo os da esquerda democrática: “Conservadores, liberais, monarquistas parlamentares, republicanos parlamentares, capitalistas democráticos, socialistas democráticos; todos têm em comum certos valores de humanismo e pensamento honesto” (VIERECK, 1965, p. 4). Mesmo defendendo uma política afirmativa contra a expansão do comunismo soviético, rejeitava alianças com ditaduras, como o regime do General Francisco Franco na Espanha.

E nesse quadro do pós-Segunda Guerra Mundial que as políticas de Metternich se tornariam inspiradoras para os conservadores: “A tarefa de 1949 é desfazer 1848 através de um internacionalismo forte o suficiente para proscrever a guerra ao proteger os livres e ‘quarentenar o agressor’” (VIERECK, 2005, p. 124). Não deveriam repetir o erro dos vencedores do primeiro conflito mundial: “uma Liga das Nações ou Nações Unidas não pode manter a paz sem o poder de impô-la. O Concerto da Europa de Metternich tinha tal poder” (VIERECK, 2005, p. 87).



## Considerações Finais

Embora engajado aguerridamente na luta anticomunista e antifascista que mobilizava os conservadores de sua geração, Peter Viereck procurava restaurar o vínculo do pensamento conservador com suas raízes na Europa pós-napoleônica e rejeitava a inclinação de vários de seus pares em transformar o conservadorismo em uma forma de patriotismo norte-americano, o que, na sua visão, seria uma ameaça aos próprios princípios democráticos que o conservadorismo deveria defender. Também rejeitava as posições ultraliberais de seus companheiros na economia, optando por defender políticas sociais restritas em benefício dos trabalhadores como forma de enfraquecer a influência do comunismo. Por fim, rejeitava intervenções militares com o objetivo de impor instituições democráticas norte-americanas em países com tradições diferentes. Estes posicionamentos em meio ao clima radicalizado da Guerra Fria resultaram na sua exclusão política dos meios intelectuais conservadores.

113

Sua visão agudamente crítica sobre os rumos que o movimento conservador estava tomando o levaram a se opor à candidatura do republicano Barry Goldwater nas eleições presidenciais de 1964, enquanto diversos outros conservadores o viam como primeiro candidato realmente conservador a disputar o comando do país. Um tanto surpreendentemente, Viereck demonstrava mais entusiasmo por líderes democratas do período, como o candidato nas eleições presidenciais de 1952 e 1956 Adlai Stevenson, que considerava o candidato mais próximo de um verdadeiro conservadorismo norte-americano, e John Kennedy. Ao mesmo tempo tinha considerável desprezo por Richard Nixon. Após a vitória de Lyndon Johnson, desejou que sua política externa seguisse uma direção diferente da ação internacional agressiva defendida por Goldwater (VIERECK, 2009, p. 328).



Em meados dos anos 1960, parou de escrever sobre política e dedicou o resto da vida ao trabalho como professor no Mount Holyoke College, uma faculdade em Massachusetts dedicada ao ensino de artes liberais. Continuou escrevendo poesias e se especializou em história russa moderna. Quando se aposentou, em 1997, seu nome já havia sido quase completamente banido dos meios conservadores. Pelas suas últimas declarações, parece ter acompanhado com bastante pessimismo a ascensão dos chamados “neoconservadores”, como Irving Kristol e Norman Podhoretz, influentes nos governos de Ronald Reagan e George W. Bush, dos quais foi crítico de primeira hora. Como aponta Roberto Moll Neto, os apelidados “neocons” defendiam muitas das políticas que Viereck já havia repudiado anteriormente, como uma política externa unilateral de combate contra a União Soviética, expansão ao máximo do orçamento militar e alianças com regimes autoritários no “Terceiro Mundo” que se engajassem na luta anticomunista local (NETO, 2021).

Como conclusão, sugerimos que o estudo de seu pensamento pode contribuir para uma maior compreensão da diversidade de ideias dentro do campo conservador, uma corrente de pensamento que se define mais por uma epistemologia em comum do que por uma agenda e concepção unificada a respeito de política, economia e cultura.

## REFERÊNCIAS

- BURNHAM, J. *The Struggle for the World*. Londres: Jonathan Cape, 1947.
- NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*. Wilmington, DE: ISI Books, 2006.
- HARTZ, L. *The Liberal Tradition in America*. San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich, 1991.
- HUNTINGTON, S. Conservatism as Ideology. In: *American Political*



- Science Review*. V. 51, n. 4, p. 454-473, 1957.
- KIRK, R. *The Conservative Mind*. Lexington, KY: BN Publishing, 2008.
- NETO, R. M. O Neoconservadorismo nos Estados Unidos da América: as ideias de Irving Kristol e a experiência política no governo Ronald Reagan (1981 - 1989). In: *Revista de História da USP*, n. 180, p. 1-31, 2021.
- REISS, T. The first conservative. How Peter Viereck inspired and lost a movement. In: *The New Yorker*, October 24, 2005 Issue. <https://www.newyorker.com/magazine/2005/10/24/the-first-conservative>
- SILVA, F. C. T. da. *O concerto de nações: conservadores, reacionários e fascistas (1833-1945)*. Recife: EDUPE, 2020.
- SOUSA, R. F. de. *William Buckley Jr., National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos EUA, 1955-1968*. Niterói: UFF, 2013, mimeo.
- \_\_\_\_\_. National Review, o moderno conservadorismo americano e a luta para “salvar” os EUA do comunismo, do liberalismo e da integração racial (1955-1959). In: *Revista de História da USP*, n. 180, p. 1-31, 2021.
- STARLIPER, J. P. *Aesthetic Origins: Peter Viereck and the Imaginative Sources of Politics*. New York: Routledge, 2017.
- TRIGUEIRO, G. R. L. *Neoconservadorismo versus paleoconservadorismo: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós-Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017, mimeo.
- VIDAL, C. F. O movimento conservador norte-americano da década de 1950 e a percepção conservadora a respeito da sociedade, economia e política externa. In: *Revista Tomo*, n. 23, p. 259-294, 2013.
- VIERECK, P. But—I’m a Conservative! In: *The Atlantic*, April 1940 Is-



sue. <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1940/04/but-im-a-conservative/304434/>.

\_\_\_\_\_. The New Conservatism. One of Its Founders Asks What Went Wrong. In: *The New Republic*, September 24, 1962. <https://newrepublic.com/article/164179/new-conservatism>.

\_\_\_\_\_. *Meta-politics: the roots of the Nazi mind*. New York: Capricorn Books, 1965.

\_\_\_\_\_. *Conservatism revisited: the revolt against ideology*. New Brunswick, N.J.; London, UK: Transaction Publishers, 2005.

\_\_\_\_\_. *Shame & Glory of the Intellectuals*. New Brunswick, N.J.; London, UK: Transaction Publishers, 2009.

Recebido em: 07/03/2024 • Aprovado em 04/08/2024